

I Encontro Nacional de Juventudes da Rede de Educação Cidadã



CIMI, Luziânia-GO
31 de Janeiro à 03 de Fevereiro de
2013
Relato e Memória

CARTA FINAL DO I ENCONTRO DE JUVENTUDES DA RECID

Nós, jovens educadoras e educadores populares, integrantes de movimentos populares: rurais, urbanos, culturais hip-hop, LGBT, mulheres, negras e negros, indígenas e outros; oriundas/os dos diversos recantos do Brasil, reunidas/os no *I Encontro Nacional de Juventudes da Rede de Educação Cidadã (RECID)*, no Centro de Formação do CIMI, em Luziânia-GO, entre os dias 31 de janeiro e 03 de fevereiro de 2013, consideramos que:

A América Latina vive hoje um contexto de disputa de projetos.

- Um projeto, representado pela ALBA, que defende uma integração soberana da região, em contraposição direta ao imperialismo e em favor dos povos. São países que representam este projeto, principalmente: Venezuela, Cuba, Equador, Bolívia, Nicarágua.
- Um segundo projeto que chamamos de sócio-desenvolvimentismo, cujos principais representantes são Brasil, Argentina, Uruguai e Peru. Como característica deste projeto, temos o esforço para o desenvolvimento econômico com distribuição de renda, mas sem promover as reformas estruturais de interesse dos povos.
- O terceiro projeto é de submissão total ao capital financeiro, pregando o Estado mínimo e a retirada de direitos trabalhistas e sociais. A este projeto chamamos de neoliberalismo e é puxado principalmente por: Colômbia, Paraguai, Chile e México.

Neste contexto, assumimos a defesa de um projeto político para o Brasil identificado com a integração soberana dos países latino-americanos, com realização de reformas estruturais (reforma política, reforma urbana, reforma agrária, democratização da comunicação etc) que beneficiem o povo brasileiro. Este projeto chamamos de Projeto Popular para o Brasil.

Contudo, vivemos um momento de descenso das lutas populares, onde as mesmas ainda se encontram fragmentadas e enfraquecidas. Isto é, mesmo acontecendo várias lutas isoladas – algumas vitoriosas – ainda é necessário unificarmos estas lutas em torno de um horizonte político comum para sermos capazes de alterar a correlação de forças.

Entendemos que as juventudes são sujeitos importantes para alterar este quadro de descenso e acumular forças para a construção de um Projeto Popular para o Brasil.

Apesar da construção de diversas políticas direcionadas às juventudes (criação do conselho nacional de juventude, das conferências, expansão de vagas e inclusão no ensino superior, entre outras), as mesmas ainda estão sendo exterminadas nas grandes cidades, encontram-se em condições precárias para permanecerem no campo, tem pouco acesso a uma educação de qualidade em todos os níveis, entre outras dificuldades vividas pela grande maioria das/os jovens no Brasil.

Acreditamos que a garantia de uma vida digna para as juventudes do Brasil se efetiva pela construção de um Projeto Popular que seja fruto da ampla mobilização do povo. Para isso, afirmamos nossos compromissos:

No campo da formação:

→ Construir espaços de formação política a partir das diferentes realidades e que contemplem o estudo da mesma, o aprofundamento teórico e os saberes populares, como os cursos Realidade Brasileira, jornadas pedagógicas, etc; com os temas de Agitação e Propaganda, resgate da cultura e identidade dos jovens, entre outros.

→ Elaborar um material de subsídio para oficinas de formação sobre o Projeto Popular para o Brasil junto aos grupos de base.

No campo da organização:

→ Fortalecer o trabalho de base e promover encontros de juventude macrorregionais e estaduais, com objetivo de aprofundarem os temas da formação e identificar as possibilidades de lutas comuns.

→ Criar GT's de juventude estaduais e nacional e fortalecer o diálogo entre as pessoas de referência em cada estado.

→ Buscar parcerias com outros movimentos e grupos na perspectiva de promover a troca de experiências e unificar as lutas das juventudes em torno do Projeto Popular para o Brasil.

No campo das lutas:

Fortalecer todas as lutas que contribuam com a construção de reformas estruturantes e garantia dos Direitos Humanos à luz do Projeto Popular para o Brasil, em conexão com as realidades e demandas locais. Em especial:

→A campanha contra a violência e o extermínio das juventudes e da juventude negra e pela vida.

→Contra o racismo.

→A campanha contra a redução da maioridade penal.

→Por um Projeto Popular para a Educação, incluindo a defesa dos 10% do PIB para a educação pública.

→Pela igualdade de gênero e de orientação sexual.

→Pelo Estatuto da juventude.

→Pelo Passe Livre.

→Pela ampliação das políticas sociais e culturais, com mais recursos públicos e desburocratização do acesso (editais e marco regulatório das OSCs).

→Luta contra as privatizações de serviços públicos (saúde, educação, sistema penitenciário etc.)

→Luta pela valorização e garantia de direitos dos povos e comunidades tradicionais.

→A campanha contra os agrotóxicos e pela vida além das práticas agroecológicas.

→Luta pela democratização dos meios de comunicação.

Após estes quatro dias de muita formação, mística e animação, concluímos que, onde estivermos, nossa principal luta é a defesa da V I D A. Voltaremos para nossos estados com o compromisso de partilharmos esta vivência junto aos companheiros e companheiras que lá ficaram. Com disposição renovada para enfrentarmos estes desafios, estaremos cada vez mais próximos de nossos objetivos. Hoje, temos a certeza de podermos dizer: os desavisados que se cuidem, pois na nossa voz já se anuncia a manhã desejada!

*Juventudes que ousam lutar,
constroem o poder popular!*

1º DIA – 31 de Janeiro (Coordenação: Fernanda e Maicon) **(Relatoria: Branco, Dennis e Kelren)**

Mística de abertura e apresentação dos estados presentes coordenada pelo grupo Casa Moringa, do Distrito Federal. Regiões foram convocadas a se manifestarem à frente da plenária apresentando os estados que a compõe, finalizando com um grande caracol com todos/as participantes.

SAUDAÇÕES EM NOME DE ÓRGÃOS DO GOVERNO E DE GRUPOS POPULARES AO ENCONTRO

Para dar início ao momento, o responsável pelo *Departamento de Educação Popular e Mobilização cidadã da Secretaria Geral da Presidência da República*, *Selvino Heck*, toma a palavra e se apresenta como participante e único remanescente da equipe do Talher Nacional montada por Frei Betto em 2003 para coordenar a RECID.



De posse do microfone, Selvino apresenta os demais membros do governo presentes.

Diogo Santana, secretário-executivo da Secretaria Geral da Presidência da República.

Em primeiro lugar, agradece pelo convite. Assumiu a função de secretário-executivo recentemente e este é um dos primeiros eventos que participa. Já começa bem, porque a energia do grupo, das músicas e mística é muito contagiante. Sente que, para esta saudação, precisa aproveitar a quantidade e diversidade de pessoas e fazer uma discussão mais profunda de Brasil. Se resgatarmos os sonhos da última geração de lutadores/as, percebemos que alguns destes sonhos estão sendo realizados. E talvez o maior destes sonhos fosse o de que a política no Brasil representasse os interesses do povo, em sua diversidade, e não de uma pequena elite. Foi com base neste sonho que a geração passada nos legou uma democracia viva, guerreira, onde os movimentos sociais podem fazer a disputa política e encontra seus canais.

Esta é a missão da SG, fazer com que a nossa democracia não seja uma democracia fraca, mas esteja altamente conectada com os movimentos populares, não só por meio dos

instrumentos formais (congresso, etc). Quais, então, são os novos desafios desta atual juventude (da qual se considera parte)? Muitas injustiças ainda ocorrem e a desigualdade ainda é gritante. Cita como exemplo o assassinato da juventude negra nas grandes cidades. Nossa missão (da geração de jovens atual) é não deixar que estas coisas deixem de ter visibilidade. No governo as vezes se perde a dimensão da diversidade das iniciativas populares. Muito ainda precisa ser feito para que a nossa geração possa se orgulhar de ter dado mais um salto qualitativo. O positivo é que este encontro não está se limitando a discutir uma política pública de juventude, ou direitos humanos, etc. Mas está aqui para discutir o Brasil

Paulo Maldos, Secretário Nacional de Articulação Social

Admite vir de uma geração de jovens anterior a esta. Contudo tem muito orgulho desta, pois foi uma juventude que se sacrificou na luta por um mundo melhor, que ocupava ruas no mundo inteiro e fazia lutas de grandes destaques. Então, é muito animador vermos a juventude mobilizada levando adiante estas lutas. Principalmente com as referências de lutadores/as que foram escolhidas para o encontro. A continuidade do nosso projeto está garantida em vocês. Não podemos rebaixar nosso programa de transformação, nossa animação de lutas e nem diminuir nossos direitos.

Pedro Pontual, diretor do Departamento de Participação Social

Fica muito emocionado pelo momento de mística. Lembra-o quando, ainda nos anos setenta, trabalhavam muito com encontros de juventude e animação. Teve o privilégio de conviver com um de nossos grandes mestres, Paulo Freire. Estiveram juntos na construção do Instituto Cajamar, na secretaria de educação de são paulo. Lembra da última entrevista de Paulo Freire, em 1997, concedida a TV PUC logo após a Marcha dos 100 mil do MST. Perguntado sobre o que achava da Marcha, Paulo Freire declarou que sonhava com um Brasil com muitas marchas: marcha dos sem casa, dos sem terra, sem amor, sem escola, etc. Se hoje estão no governo é por conta de muitas marchas que houveram no passado. Mas ainda falta muito. Por isso é importante que hajam muitos levantes. Isso, em dois espaços: é preciso incidir diretamente nas políticas públicas por meio dos conselhos, mas e experiência mostra que estas experiências só podem fazer a diferença mesmo se houver por trás uma mobilização nas ruas. Ressalta a próxima CONAE, em 2014. Houve avanço com a ampliação da oferta de educação neste governo, o próximo passo gora é dizermos que tipo de educação queremos.

Salete Moreira, da Secretaria de Direitos Humanos

Elogia a energia do grupo. Também, traz um abraço da ministra e a missão de aproximar a SDH da RECID. Se sente no dever de provocar a reflexão sobre “o que significa ser jovem em um país que está em um processo democrático de participação e luta”? Por exemplo, ainda que a morte de jovens na boate em santa maria seja uma tragédia, por ano morrem três vezes mais jovens negros vítimas de assassinato. Falar em direitos humanos é falar naqueles direitos que o Estado deve garantir a todas/os simplesmente por terem nascido. Relembra uma pesquisa feita pela universidade do Pará nas sete ilhas, sobre o alto índice de violência com as crianças e adolescentes. No entanto, existe uma aceitação social desta violência na região. A reflexão que isso provoca é sobre como a SDH pode intervir neste cenário. São questões prementes para a SDH, por exemplo ter crianças ainda que são escravas, é preciso defender os direitos das mulheres, da juventude negra, etc.

Severine Macedo, Secretária Nacional de Juventude

É claro que já avançamos muito em termos de conquistas sociais, mas ainda temos muito o que fazer no campo da conquista da democracia. É preciso nos ligarmos também no que é feito pelas juventudes em toda a América Latina. A juventude tem um papel político fundamental, indo às ruas para fazer a denúncia, mas sem deixar de lado o trabalho nas comunidades. São marcas desta geração a diversidade, que vem à tona. Mas também a luta contra a desigualdade. Na década de 1990, a juventude brasileira era tida (por meio de uma pesquisa) a segunda mais pessimista do mundo. Agora (pela mesma pesquisa), é a segunda mais otimista, porque vê no país oportunidades muito melhores para melhorar sua qualidade de vida.

Queremos, enquanto SNJ, ter parceria com a Recid para avançar nas pautas de proteção e promoção da juventude. Temos o plano juventude viva, que enfrenta o extermínio. Precisamos criar parcerias para implantar o plano nos estados. Também uma agenda da participação da juventude para além da institucionalidade, como o *participatório*. Também uma política nacional específica para a juventude rural, incluindo desde o lazer e cultura como também a renda no campo, permanência da juventude no campo. O desafio é discutirmos o Brasil que queremos de forma mais geral, mas também concretamente o que é possível em termos de políticas públicas. Hoje estamos aqui graças a luta dos lutadores/as das gerações anteriores, devemos dar prosseguimento a suas lutas.

SAUDAÇÕES DE REPRESENTANTES DE MOVIMENTOS POPULARES

Jonatan Roré, Diretor de Políticas Educacionais da UNE

Tem o questionamento sobre qual é a juventude hoje e mais especificamente qual o perfil da juventude militante. Olhando para geração passada, vemos um número considerável de ex-militantes do movimento estudantil que hoje assumem postos de direção no governo ou movimentos populares. No entanto, atualmente este perfil muda porque não é mais o ME que fala pela juventude Brasileira. Neste encontro, por exemplo, temos um número de mais de 100 e apenas 10 ou 15 são militantes do movimento estudantil, o que é bom, porque a juventude está se organizando. Dois desafios: boa parte dos coletivos que se organizam nas lutas por dentro das universidades, não está mais orgânico no ME. Infelizmente, a universidade brasileira não é uma universidade popular, não está aberta à sociedade. É preciso ampliar as vagas, dar assistência, melhorar o modelo de educação.



Wellington Neto, Pastoral da Juventude do Meio Popular

Vem em nome das pastorais sociais. Compreendem que não podem ficar só no campo da religião, mas também fazer um trabalho político. Por exemplo, antes do governo pautar o plano juventude viva, as PJ's já tinham esta campanha. Além disso, o próprio governo ajuda a

institucionalizar a violência. Nossa luta é fazendo pressão, precisamos nos organizar.

Abuzinho, Levante Popular da Juventude

O Levante surgiu em fevereiro do ano passado nacionalmente na luta por um Projeto Popular. Vem trazer a mensagem de que é preciso não termos medo de fazer a luta política também nas ruas.

Julio Lisboa, Coletivo Negro da UnB

Agradece a oportunidade e convida todos a conhecerem o coletivo.

Geo Brito, Centro do Teatro do Oprimido

Teatro do Oprimido é uma metodologia usada em mais de 70 países junto com vários movimentos. Querem aprofundar a parceria com a Recid e também se apoderarem do tema da construção do poder popular.

Luti, da Companhia Revolucionária Triangulo Rosa

No ano passado, houveram 338 assassinatos de pessoas LGBT. Temos uma discriminação grande, onde todos aprendem que é errado ser LGBT. Além disso, existe uma pressão dos setores conservadores em todos os níveis. Pede que não deixemos de lutar contra as opressões diversas.

João, MST

Falar em direitos humanos é também lutar contra os agrotóxicos, que estão muito presentes na mesa dos brasileiros. Os secretários e funcionários do governo até visitam as áreas e conhecem nossa realidade, mas parece que quando voltam para o ar condicionado de suas salas se esquecem das necessidades do povo. Ou será que são as multinacionais que vão para lá nos escritórios fazê-los esquecer?

Crônica escrita por um jovem durante o encontro

Em nome de quem estou falando?

Estava acontecendo o primeiro Encontro Nacional de Juventudes da RECID, em Luziania-Brasília, era trinta de janeiro de dois mil e treze, cerca de cento e vinte jovens dos diversos estados dos país faziam-se presentes no auditório do Centro de Formação Vicente Canhas.

Naquela manhã, constava na programação um momento de boas vindas e contribuições discursivas por parte da militância. Houve duas mesas, uma com representantes do Governo Federal, e a outra das organizações da sociedade civil.

A primeira com a presença de Selvino Heck (Dept. De Educação Popular, SNAS-SG-PR), Diogo Santana (Secretario-executivo da Secretaria Geral da Presidência da República), Paulo Maldos (Secretario Nacional de Articulação Social), Pedro Pontual (Diretor do dept. De Participação Social) Salete Moreira (Secretaria de Direitos Humanos), Severine Macedo

(Secretária Nacional de Juventude), onde eles expuseram as ações governamentais por parte da União em relação às políticas para a juventude. Eles lembraram suas histórias de luta em defesa e construção de um Brasil democrático, e a época de fazer movimento estudantil, pastoral e social.

A segunda mesa foi composta por Jonatan Roré (UNE), Wellington Neto (PJMP), Abuzinho (Levante), Geo Britto (CTO), Luti (Cia. Revolucionária Triângulo Rosa), João (MST), para falarem em nome das juventudes brasileiras, cada um relatou sonhos e desejos de um poder popular.

De repente surgiu do meio do público um jovem que gritou

- Meu nome é Pedro.

- Não me convidaram para ocupar assento nessa mesa. Tenho dezessete anos e eu também quero falar. Sou conectado nas coisas, tenho facebook, gosto de balada, namorar, passear e fazer novas amizades. Ainda não estou trabalhando, todos os dias vou para a escola, digamos que estou estudando. Tenho um transporte, uma moto YBR – 125, cor preta e sem placa. Infelizmente ainda não tenho carteira, mas quero tirá-la.

- Porque me perguntam como comprei essa moto?

- O que você acha?

- Meu pai fez um empréstimo. Um desses que o Governo Federal libera pra classe c. Sou esperto, se não fosse assim ficaria apenas na vontade e não teria nada.

- Não olhes para mim desta forma.

- Sou apenas mais um que vocês ficam brincando de falar em meu nome. Vocês dizem que querem transformar o mundo e mudar o sistema. Querem um país soberano, e no governo um poder popular. Mas na verdade todos querem apenas mudar de lugar. Quem ocupa vaga no governo ontem era movimento social, quem está no movimento social quer estar amanhã no governo. Por que vocês ficam se perguntando de qual lado estão? Digam-me na verdade o que vocês querem construir?

- Estão vendo este homem aqui de terno e gravata?

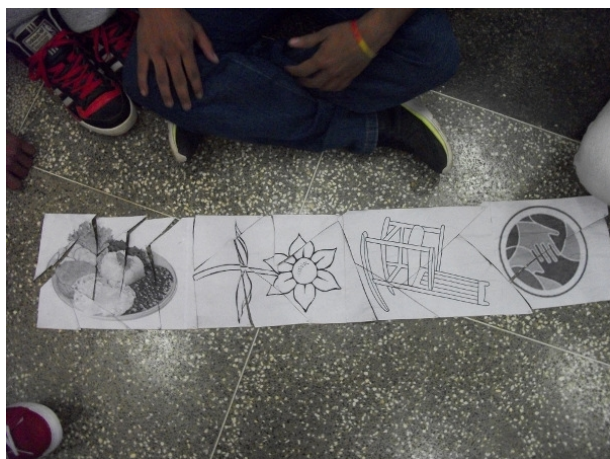
- Estão vendo como estou vestido? Na natureza somos todos iguais. Ninguém é superior ou inferior. Temos o mesmo dom, Vida.

- Gostaria de pedir que não falem em meu nome. Sou Maria. Sou Luiza. Sou Antonio. Sou Lucas. Sou aqueles que todos falam por mim. Envolve-me e me mostrem o porquê devo entrar na roda com vocês.

A verdadeira revolução acontecerá quando assumirmos os rumos de nossas histórias. Quando formos sujeitos de nossos destinos. Quando percebermos que o importante não é o lugar que ocupamos, mas a essência de nossos ideais, de nossas lutas, sonhos e vivências. Somos seres pensantes e responsáveis por nossas decisões. Na luta não podemos ter partidos ou rótulos, temos que ousadamente assumir a nossa HUMANIDADE, respeitando a diversidade de raça, cor, sexo, religião e nacionalidade.

*Messias Pinheiro
(baseado em fatos reais)*

DINÂMICA: “VAI CAÇAR SUA TURMA”!



No primeiro dia pela manhã, após apresentação dos estados, saudação de convidados e apresentação da metodologia do encontro, os/as participantes se dividiram em equipes de trabalho. Cada equipe possuía um propósito específico, mas todas com o objetivo geral de envolver a todos e todas participantes na construção de um ótimo encontro! Assim, cada pessoa pôde encontrar sua equipe a partir da dinâmica “Vai caçar sua turma”, onde cada uma, munida de um cartão com parte de um desenho, teve que procurar as outras pessoas que completasse sua parte. Como num mosaico, as seguintes turmas

foram formadas: turma da mística; turma da animação e noite cultura; turma de comunicação; turma da relatoria e síntese; turma do bem estar; e turma de infraestrutura.

PELA TARDE: ANÁLISE DE CONJUNTURA – COM NEI ZAVASKI (MST)

Pela tarde, iniciamos o trabalho de análise de conjuntura com o companheiro militante do MST Nei Zavaski. O assessor inicia com a leitura de um trecho do livro *De pernas para o ar - A escola do mundo ao avesso*, de Eduardo Galeano. O trecho segue abaixo:

“Educando com o exemplo

A escola do mundo ao avesso é a mais democrática das instituições educativas. Não requer exame de admissão, não cobra matrícula e dita seus cursos, gratuitamente, a todos e em todas as partes, assim na terra como no céu: não é por nada que é filha do sistema que, pela primeira vez na história da humanidade, conquistou o poder universal.

Na escola do mundo ao avesso o chumbo aprende a flutuar e a cortiça a afundar. As cobras aprendem a voar e as nuvens a se arrastar pelos caminhos.

O mundo ao avesso gratifica o avesso: despreza a honestidade, castiga o trabalho, recompensa a falta de escrúpulos e alimenta o canibalismo. Seus mestres caluniam a natureza: a injustiça, dizem, é lei mundial. Milton Friedman, um dos membros mais conceituados do corpo docente, fala da “taxa natural de desemprego”. Por lei natural, garantem Richard Herrnstein e Charles Murray, os negros estão nos mais baixos degraus da escada social. Para explicar o êxito de seus negócios, John Rockefeller costumava dizer que a natureza recompensa os mais aptos e castiga os inúteis. Mais de um século depois, muitos donos do mundo continuam acreditando que Charles Darwin escreveu seus livros para lhes prenunciar a glória.

Sobrevivência dos mais aptos? A aptidão mais útil para abrir caminho e sobreviver, o instinto assassino, é uma virtude humana quando serve para que as grandes empresas façam a digestão das pequenas empresas e para que os países fortes devorem os países fracos, mas é prova de bestidade quando um pobre-diabo sem trabalho sai a buscar comida com uma faca na mão. Os enfermos da patologia anti social, loucura e perigo de que cada pobre é portador, inspiram-se nos modelos de boa saúde do êxito social. O ladrão de pátio aprende o que sabe elevando o olhar rasteiro aos cumes: estuda o exemplo dos vitoriosos e, mal ou bem, faz o que pode lhes copiar os méritos. Mas “os fodidos sempre serão fodidos”, como costumava dizer Dom Emílio, que foi amo e senhor da televisão mexicana. As possibilidades de que um banqueiro que depena um banco desfrute em paz o produto de seus golpes são diretamente proporcionais às possibilidades de que um ladrão que rouba um banco vá para a prisão ou

para o cemitério

Quando um delinquente mata por dívida não paga, a execução se chama ajuste de contas; e se chama plano de ajuste a execução de um país endividado, quando a tecnocracia internacional resolve liquidá-lo. A corja financeira sequestra os países e os arrasa se não pagam o resgate. Comparado com ela, qualquer bandidão é mais inofensivo do que Drácula à luz do sol. A economia mundial é mais eficiente expressão do crime organizado. Os organismos internacionais que controlam a moeda, o comércio o crédito, praticam o terrorismo contra os países pobres e contra os pobres de todos os países, com uma frieza profissional e uma impunidade que humilham o melhor dos lança-bombas.

A arte de enganar o próximo, que os vigaristas praticam caçando incautos pelas ruas, chega ao sublime quando alguns políticos de sucesso exercitam seus talentos. Nos subúrbios do mundo, chefes de estado vendem saldos e retalhos de seus países, a preço de liquidação de fim de temporada, como nos subúrbios das cidades os delinquentes vendem, a preço vil, o butim de seus assaltos.

Os pistoleiros de aluguel realizam, num plano menor, a mesma tarefa que cumprem, em grande escala, os generais condecorados por crimes elevados a categoria de glórias militares. Os assaltantes que, à espreita nas esquinas, atacam a manotaços, são a versão artesanal dos golpes dados pelos grandes especuladores, que lesam multidões pelo computador. Os violadores que mais ferozmente violam a natureza e os direitos humanos jamais são presos. Eles têm as chaves das prisões. No mundo como ele é mundo avesso, os países responsáveis pela paz universal são os que mais armas fabricam e os que mais armas vendem aos demais países. Os bancos mais conceituados são os que mais narcodólares lavam e mais dinheiro roubado guardam. As indústrias mais exitosas são as que mais envenenam o planeta, e a salvação do meio ambiente é o mais brilhante negócio das empresas que o aniquilam. São dignos de impunidade e felicitações aqueles que matam mais pessoas em menos tempo, aqueles que ganham mais dinheiro com menos trabalho e aqueles que exterminam mais natureza com menos custo.

Caminhar é um perigo e respirar é uma façanha nas grandes cidades do mundo ao avesso. Quem não é prisioneiro da necessidade é prisioneiro do medo: uns não dormem por causa da ansiedade de ter o que não têm, outros não dormem por causa do pânico de perder o que têm. O mundo ao avesso nos adentra para ver o próximo como uma ameaça e não como uma promessa, nos reduz à solidão e nos consola com drogas químicas e amigos cibernéticos. Estamos condenados a morrer de fome, a morrer de medo ou a morrer de tédio, isso se uma bala perdida não vier abreviar nossa existência.

Será esta liberdade, a liberdade de escolher entre ameaçadores infortúnios, nossa única liberdade possível? O mundo ao avesso nos ensina a padecer a realidade ao invés de transformá-la, a esquecer o passado ao invés de escutá-lo e a aceitar o futuro ao invés de imaginá-lo: assim pratica o crime, assim o recomenda. Em sua escola, escola do crime, são obrigatórias as aulas de impotência, amnésia e resignação. Mas está visto que não há desgraça sem graça, nem cara que não tenha sua coroa, nem desalento que não busque seu alento. Nem tampouco há escola que não encontre sua contra escola”.

Ao concluir a leitura, o assessor explicita que a escola do mundo avesso é uma analogia do mundo em que vivemos, onde a lógica é que as pessoas que tem uma melhor condição social sejam beneficiadas e as que vivem em condições vulneráveis sejam pisoteadas.

Também, afirma que a contra escola – citada pelo autor - é a educação popular, por isso nós devemos ser em nossa militância educadores/as populares. Nesta escola do mundo avesso não devemos ser alunos/as, ou seja, simplesmente passivos.

Em seguida, para construir uma análise de conjuntura conjuntamente com a plenária, o assessor perguntou quais os principais elementos da realidade em que vivemos, deste mundo

avesso. As pessoas na plenária apresentaram diversos elementos:

- Violência contra as mulheres,
- Extermínio de jovens,
- Desigualdades,
- Corrupção,
- Individualismo,
- Racismo,
- Preconceito,
- Pedofilia,
- Abuso,
- Pobreza;
- Seca;
- Saúde precária;
- Exploração da mão de obra e alienação.
- Crise econômica na realidade atual é recessão de capital financeiro;
- Hegemonia da burguesia

Encarando estes elementos, Nei Zavaski faz duas observações, que desenvolve mais adiante. Primeiro, de que a realidade não pode ser encarada como com uma máquina fotográfica, isto é, a máquina mostra uma realidade estática (parada). A verdadeira realidade está sempre em movimento e é composta de direção, força e massa. Para entender este movimento, é preciso conhecer algumas leis. Em segundo lugar, destaca que o movimento da realidade sempre vai apresentar uma dimensão que chamou de aparência, sendo que o verdadeiramente importante é compreendermos sua essência.

Quais são, portanto, as principais leis do desenvolvimento da realidade, na sua essência? O assessor destaca:

- Lucro como o centro
- No entanto, quanto mais o capitalismo se desenvolve, menos lucro gera: isso é uma contradição
- Desenvolve ações para controlar a queda do lucro
- Aumenta da exploração (super exploração). Pagou muito menos os trabalhadores.
- Apropriação de riquezas naturais. O salário mínimo passa a regular uma mão de obra barata, assim o salário é desvalorizado.
- Produção de novas mercadorias e mercantilização. Assim, as propagandas são um dos focos principais no desenvolvimento dos mercados consumidores.
- Destruição de Capital, para que possa ser acumulado novamente.
- Valorização falsa – fictícia – do Capital.



Ou seja, isso quer dizer que o capital não existe senão pela sua valorização permanente. Mas que cada capitalista aumenta o quanto pode a sua produtividade, o que, por fim, resulta numa redução do seu fundamento, o trabalho produtivo. Cada capitalista esforça-se por aumentar a taxa de exploração dos seus trabalhadores, para aumentar a mais-valia produzida, mas então o consumo não se desenvolve o suficiente para realizá-la pela venda no mercado. Assim, ele desenvolve o crédito para acelerar a produção e o consumo (aumentar a velocidade de rotação do capital), e cria assim um montão de capital fictício, desembocando nas catástrofes financeiras destruidoras e no bloqueamento da produção capitalista fundada no crédito.

O elemento central é sempre o lucro. Um capitalista vendo mercadorias, ganha dinheiro e investe em sua indústria, para criar mais mercadorias. Porém, pode também aplicar na bolsa de valores. Assim, seu dinheiro (capital) fica em movimentos contínuos.

A reprodução do capital é a sua acumulação, o seu crescimento. O quer dizer, também, o acréscimo das suas contradições. Elas tomam um caráter cada vez mais antagônico com esse acréscimo, a ponto que o sistema não sobreviver mais senão através de crises nas quais o capital é desacumulado, desvalorizado e destruído, em grande parte.

Hoje em dia, esta acumulação é muito fraca, está mais ou menos estagnada. Isto que dizer que a retomada de um novo ciclo de acumulação, com algum vigor e durabilidade, não é mais possível.

Existe uma tendência incessante ao estabelecimento de uma taxa média de lucro entre todos os capitais-dinheiro, já que todos pretendem, evidentemente, ter acesso ao mesmo rendimento, sejam eles produtivos ou improdutivos, de forte ou baixa composição orgânica. Esta taxa média de lucro forma-se por intermédio da fuga de capitais dos ramos de produção com taxas lucro mais baixas para os ramos com taxas de lucro mais elevadas. Movimento que provoca um abaixamento dos preços de venda dos produtos e, por conseguinte, das próprias taxas de lucro nos ramos produtivos que recebem os capitais novos, sucedendo o inverso nos ramos de onde fogem esses capitais.

Mas o capitalismo sempre se renova, vimos isso na crise de 1929, como também na de 1970. Uma de suas principais ferramentas de renovação é a precarização do trabalho. Esta, já assumiu uma dimensão estrutural e fez emergir a precarização do homem. Trata-se de uma nova dimensão da precarização do trabalho que não se reduz a precarização salarial, mas tem impactos na saúde, educação, lazer, esporte, moradia, cultura e transporte, etc.

Quais são os valores que isto gera na sociedade? É óbvio que o modelo da divisão do trabalho determina o grau de solidariedade dentro de uma sociedade. Uma sociedade sem classes pode ser solidária, mas em uma sociedade escravocrata, por exemplo, só pode – quando muito – existir solidariedade entre senhores contra os escravos. E mais, busca-se, neste caso, reduzir ao máximo a solidariedade entre escravos.

No capitalismo, o trabalhador sofre uma dupla alienação. Primeiro por sermos, enquanto sociedade humana, separados do meio natural. Segundo, pelo trabalhador ser separado do produto de seu trabalho. Neste contexto, o capitalista também é alienado, mas é uma alienação totalmente diferente daquela do trabalhador.

Do ponto de vista da conjuntura, o papel da América Latina e da África na divisão internacional do trabalho vem se conformando cada vez mais pela exportação de *commodities*. Ainda que tenhamos alguns governos um pouco mais progressistas, os Estados ainda são capitalistas e, no caso do Brasil, com um papel sub-imperialista.

Não é possível promovermos mudanças individuais, é preciso desatarmos lutas coletivas. As tarefas são duas:

- Desenvolver processos de lutas educativas;
- Desenvolver a Organização popular.

Para finalizar, o assessor Nei Zavaski fez a leitura de outro trecho de Eduardo Galeano, intitulado *Um convite ao voo*. Segue abaixo:

Um convite ao voo

“Milênio vai, milênio vem, a ocasião é propícia para que os oradores de inflamado verbo discurssem sobre os destinos da humanidade e para que os porta vozes da ira de Deus anunciem o fim do mundo e o aniquilamento geral, enquanto o tempo, de boca fechada, continua sua caminhada ao longo da eternidade e do mistério.

Verdade seja dita, não há quem resista: numa data assim, por arbitrária que seja, qualquer um sente a tentação de perguntar-se como será o tempo que será. E vá-se lá saber como será. Temos uma única certeza: no século 21, se ainda estivermos aqui, todos nós seremos gente do século passado e , pior ainda, do milênio passado.

Embora não possamos adivinhar o tempo que será, temos, sim, o direito de imaginar o que queremos que seja. Em 1948 e em 1976, as Nações Unidas proclamaram extensas listas de direitos humanos, mas a imensa maioria da humanidade só tem o direito de ver, ouvir e calar. Que tal começarmos a exercer o jamais proclamado direito de sonhar? Que tal delirarmos um pouquinho? Vamos fixar o olhar num ponto além da infâmia para adivinhar outro mundo possível:

O ar estará livre de todo o veneno que não vier dos medos humanos e das paixões humanas; nas ruas os automóveis serão esmagados pelos cães; as pessoas não serão dirigidas pelos automóveis, nem programadas pelo computador; nem compradas pelo supermercado, nem olhadas pelo televisor; o televisor deixará de ser o membro mais importante da família e será tratado como o ferro de passar e a máquina de lavar roupa.

As pessoas trabalharão para viver, em vez de viver para trabalhar; será incorporado aos códigos penais o delito da estupidez, cometido por aqueles que vivem para ter e para ganhar, em vez de viver apenas por viver, como canta o pássaro sem saber que canta e como brinca a criança sem saber que brinca.

Em nenhum país serão presos os jovens que se negarem a prestar serviço militar, mas irão para a cadeia os que desejarem prestá-lo; os economistas não chamarão nível de vida de nível de consumo, nem chamarão qualidade de vida a quantidade de coisas.

Os cozinheiros não acreditarão que as lagostas gostam de serem fervedas vivas; os historiadores não acreditarão que os países gostam de ser invadidos; os políticos não acreditarão que os pobres gostam de comer promessas.

Ninguém acreditará que a solenidade é uma virtude e ninguém levará a sério aquele que não for capaz de deixar de ser sério; a morte e o dinheiro perderão seus mágicos poderes e nem por falecimento ou fortuna o canalha será transformado em virtuoso cavaleiro; ninguém será considerado herói ou pascácio por fazer o que acha justo em lugar de fazer o que mais lhe convém.

O mundo já não estará em guerra contra os pobres, mas contra a pobreza, e a indústria militar não terá outro remédio senão declarar-se em falência; a comida não será uma mercadoria e nem a informação um negócio, por que a comida e a informação são direitos humanos; ninguém morrerá de fome, porque ninguém morrerá de indigestão.

Os meninos de rua não serão tratados como lixo, porque não haverá meninos de rua; os meninos ricos não serão tratados como se fossem dinheiro, porque não haverá meninos ricos; a educação não será privilégio de quem possa pagá-la; a polícia não será o terror de quem não possa pagá-la; a justiça e a liberdade, irmãs siamesas condenadas a viverem separadas, tornarão a unir-se, bem juntinhas, ombro contra ombro

Uma mulher, negra, será presidente do Brasil, e outra mulher, negra, será presidente dos Estados Unidos da América; e uma mulher índia governará a Guatemala e outra o Peru; na Argentina, as loucas da Praça de Mayo serão um exemplo de saúde mental, porque se negaram a esquecer dos tempos da amnésia obrigatória.

A Santa Madre Igreja corrigirá os erros das tábuas de Moisés e o sexto mandamento ordenará que se festeje o corpo; a Igreja também ditará outro mandamento, do qual Deus se esqueceu: "Amarás a natureza, da qual fazes parte"; serão reflorestados os desertos do mundo e os desertos da alma; os desesperados serão esperados e os perdidos serão encontrados, porque eles são os que se desesperam de tanto esperar e os que se perdem de tanto procurar.

Seremos compatriotas e contemporâneos de todos que tenham aspiração de justiça e aspiração de beleza, tenham nascido onde tenham nascido e tenham vivido quando tenham vivido, sem que importem nem um pouco as fronteiras do mapa ou do tempo.

A perfeição continuará sendo um aborrecido privilégio dos deuses; mas, neste mundo confuso e fastidioso, cada noite será vivida como se fosse a última e cada dia como se fosse o primeiro”.

INTEGRAÇÃO E ATIVIDADES ESPORTIVAS

Já no término do primeiro dia, assim como nos outros, um espaço era garantido na grade de atividades para que a juventude participasse de atividades esportivas diversas. Houve campeonato entre turmas de futebol, mas além disso, vôlei, peteca, etc.



Nova modalidade de vôlei “quase aquático”, devido a chuva



Já no futebol, houve campeonato entre turmas, só não se soube exatamente o que o juiz estava apitando.

2º Dia – 01 de Fevereiro (Coordenação: Jaqueline e Heider)
(Relatoria: Joilson, Losângela, Cris/RJ, Cris/MG e Drielly)

Após a mística de abertura os/as coordenadores/as apresentaram a programação do dia e em seguida abriram espaço para alguns informes:

- A equipe de animação lembrou a contribuição para a noite cultural e a equipe de bem estar informou que neste dia somente as turmas de mística, relatoria, infraestrutura e comunicação jogariam e pediu a colaboração para o banco de remédios da equipe. Informou ainda que disponibilizaria também a massoterapia ao longo dos intervalos do encontro e, por fim, disponibilizou também o serviço do “ombro amigo” para quem quisesse desabafar.
- A coordenação do dia lembrou que os acordos de convivência não foram respeitados na noite anterior e pediu que os mesmos fossem respeitados.
- O primeiro momento do espaço “*De quem pra quem*” teve a interpretação da música “*Como que você pôde abandonar eu*”, da banda Pedra Leticia e que pode ser acessada no seguinte link: <http://www.youtube.com/watch?v=2Yb7ET6HUY8>.

LINHA HISTÓRICA DAS LUTAS POPULARES DA JUVENTUDE A PARTIR DA DÉCADA DE 60 – COM RENATO ALMEIDA (IPJ, São Paulo)

Renato iniciou agradecendo o convite e falou que acompanha a RECID de longe e de perto. De longe porque não faz parte da mesma e de perto porque o Instituto do qual faz parte realiza um trabalho que tem tudo a ver com o que a Rede faz. Apresentou o Instituto Paulista da Juventude, que é um centro de formação voltado para a juventude, nascido da Pastoral da Juventude, que é seu berço de militância e onde aprendeu o significado da política.



Começou sua fala afirmando que é importante fazer uma reflexão preliminar sobre “de qual juventude estamos falando”. Justamente por que é muito diferente ser jovem hoje do que ser jovem em outras épocas, como na década de 60. É só imaginarmos que até os anos 60 o Brasil era uma sociedade essencialmente rural e numa sociedade como essa é bem difícil considerar uma pessoa de 20 anos como sendo jovem, pois nesta idade em geral a pessoa já estava com filhos, trabalhando, ou seja, criando outra família. Neste contexto não havia como chamar uma pessoa assim de jovem, porque não era. Hoje o quadro é diferente, pois independente de idade. A ideia de juventude se alargou, se estendeu, se ampliou.

Citou o exemplo das sociedades indígenas que fazem o rito de passagem em que uma pessoa entra criança e sai adulto e não jovem, por exemplo.

A ideia/noção de adolescente é uma coisa muito nova no Brasil. A ideia de vivência juvenil passou por transformações, se modificou.

Portanto, falar de juventude é falar de uma experiência geracional que acontece em determinado contexto histórico. Por isso quando falamos em lutas das juventudes é importante situar o contexto, o espaço. Pois é muito comum cairmos no erro grave de fazermos as comparações entre gerações, em especial com a juventude da década de 60, fazendo afirmações do tipo “o jovem de hoje não quer saber de nada”, “bom mesmo eram os jovens de minha geração”. Afirmou que começou a pesquisar sobre a juventude a partir justamente destas comparações que sempre ouvia em sua juventude.

Um dos erros que se comete nestas comparações é se esquecer que juventude era aquela dos anos 60 e que juventude é essa de hoje. Se não fizermos as diferenças na contextualização a gente pode acabar cometendo erros gravíssimos.

Começando a falar dos anos 60, lembrou que a referência para mística de início do dia está justamente nesta década de 60. Nesta década a juventude começa a ser percebida, a ser um destaque na sociedade.

Na década de 30, por exemplo, os/as jovens queriam se parecer como adultos e nem existia um modelo de roupa específica para esta faixa etária. É nos anos 60 que os/as jovens começam a ser visto como um grupo social. Um dos motivos para isso é que na virada da década de 60 para 70 há a ocorrência do êxodo rural, o que fez com que o Brasil passasse a ser um país urbano.

O espaço em que a juventude começa a aparecer é na cidade, já a ideia de jovem rural surge mais tarde, por volta da década de 80, junto com a percepção da chamada cultura jovem ou cultura juvenil, que também surge na cidade.

A indústria cultural também foi um fator determinante do contexto dos anos 60, pois a juventude começou a ser vista como uma fatia para o mercado. A juventude começou a ser vista na “rabeira” do capitalismo, da economia de consumo.

Outro fator muito importante foi a escola. Nas sociedades mais antigas a responsabilidade pela educação era da família, nas sociedades modernas esta responsabilidade passou a ser da escola, que ajudou a fazer a aparecer a ideia de juventude. A escola ajudou a prolongar a entrada na vida adulta.

O papel da escola foi tão importante que nos anos 60 era muito comum a associação entre jovem e estudante. Jovem era aquele que teve a oportunidade de ir para a escola, quem não teve foi direto para a idade adulta.

Citou a experiência da Ação Católica Especializada (ACE - formada pelas organizações Juventude Agrária Católica, JAC; Juventude Estudantil Católica, JEC; Juventude Independente Católica, JIC; Juventude Operária Católica, JOC; e Juventude Universitária Católica, JUC), criada pela Igreja para trabalhar com a juventude, e que teve um papel fundamental nos movimentos das décadas seguintes, pois dela saíram lideranças de vários movimentos populares.

Afirmou que a ideia de um “poder jovem” já era muito presente nos documentos da ACE, mas até esta reconhecia que a força jovem não era muito percebida no meio rural, se destacando entre os estudantes secundaristas e universitários, consolidando a ideia de que jovem é aquele que teve a oportunidade de estudar.

Colocou que um bom exercício é perguntar para as pessoas que tinham cerca de 20 anos na década de 60 (nossos pais ou avós) onde elas estavam e o que elas estavam fazendo em sua juventude. Provavelmente a resposta será que estavam trabalhando. Isso porque as grandes manifestações da década de 60 (tomar as ruas, festivais de música...) foram promovidas pelos/as jovens da classe média, do meio urbano, estudantes, em geral universitários, e que se constituíam como minoria do universo, pois na época apenas cerca de 2% dos/as jovens brasileiros chegavam à universidade.

Porém, apesar daquele grupo ter sido minoria fez um barulho muito grande e teve um papel fundamental para o fim da ditadura, mesmo que esta tenha acabado somente cerca de 15, 20 anos depois, pois os processos foram evoluindo de tal forma que se chegou à conclusão que ou se pegava em armas ou não se teria condições de fazer frente à ditadura, tendo inspiração na experiência cubana.

Talvez por conta destas experiências, criamos uma imagem de que o/a jovem é, por natureza, um revolucionário. O Che Guevara chega afirmar que “ser jovem e não ser revolucionário é um problema genético” (inclusive esta frase estava escrita em um dos *banners* presentes no encontro).

Renato afirmou acreditar que essa ideia é perigosa porque muitas pessoas acabam jogando nas costas da juventude um fardo muito grande para a mesma carregar, achando depois que quando a pessoa deixa de ser jovem ela não teria mais uma responsabilidade tão grande para com as mudanças necessárias da sociedade. A sociedade é muito grande para que só os/as jovens sejam responsáveis pelas mudanças. Os/as jovens têm uma parcela importantíssima, mas não podem ter a exclusividade do processo de transformação social.

Ao contrário, o jovem não é naturalmente revolucionário. Senão não precisaríamos fazer todo esse processo de formação e de trabalho de base. Justamente por não ser naturalmente assim é que precisamos cada vez mais fazer o trabalho de base.

Apresentou como saldo das lutas da geração dos anos 60 uma maior equidade de gênero, a consciência ecológica.

No final dos anos 70 temos uma indústria cultural bastante consolidada no Brasil. A mesma já tinha ganhado “mentes e corações” de muita gente, sobretudo dos/as jovens, que eram o principal público consumidor e produtor, pois eram estes que produziam as manifestações culturais da época.

Na década de 80 começam os olhares bastante pessimistas, principalmente pelos adultos engajados que haviam sido jovens na década de 60/70, afirmando que os/as jovens estavam sendo engolidos pela indústria cultural. Tais olhares podem ser resumidos em frases do tipo: “os jovens de hoje são muito rebeldes, mas estão longe de serem revolucionários como a gente era”.

Nesta década começa a surgir a ideia de que jovem é aquele que tem entre 15 e 24 anos. Começam a surgir também as chamadas “tribos juvenis” a partir de vários estilos juvenis. Neste sentido, observou que os punks não passavam despercebidos pelas ruas e a maioria das pessoas se assustava. O movimento punk surgiu como uma contraposição ao rock progressivo inglês. No entanto, alguns pesquisadores/as não reconhecem os estilos juvenis como uma forma de atuação política.

Ao mesmo tempo, estava acontecendo no Brasil um momento de redemocratização, onde começam se fortalecer o movimento operário e a entrar em cena os chamados “novos personagens” que muitos cientistas políticos não reconheciam como produtores de mudanças: mães crecheiras, movimento contra a carestia, os chamados “igrejeiros”, etc.

Adicionalmente, é na ditadura militar que começam a surgir as Comunidades Eclesiais de Base de onde saíram várias lideranças, inspirados na Teologia da Libertação.

Depois, os anos 90 iniciaram com um peso muito grande: a ideia de crise (da luta política, dos movimentos sociais...). No cenário mundial tivemos a queda do muro de Berlim, que provocou um choque nos países que tinham o socialismo como horizonte. No Brasil a derrota do Lula em 1989 teve um forte impacto nos movimentos sociais, pois estes colocaram uma esperança muito grande na eleição.

O começo dos anos 90 foi bastante duro, pois o receituário neoliberal começou a ser colocado em prática no país. A luta da juventude no início dos anos 90, portanto, se dá em um cenário bastante cruel. Os trabalhadores/as começam a perder muitos direitos. Por outro lado a palavra cidadania ganhou muita força, pois era utilizada para quase tudo.

Começam a surgir várias ONG's, muitas com ações voltadas para os/as jovens. Começam a surgir também vários atores juvenis que começam a se organizar para reivindicar uma série de ações que não eram ainda consideradas como direitos, como a cultura, por exemplo, que era considerada como privilégio, pois apenas alguns/mas conseguiam ter acesso.

Neste contexto, o hip-hop começa a ecoar a voz do jovem pobre e negro, demarcando também um prolongamento da ideia de ser jovem de classe média para o jovem pobre, negro e da periferia.

Há uma presença brutal do estado nas periferias. O estado se faz presente nas periferias através da violência policial. O rap vai ser a forma que muitos jovens encontraram para dizer que as coisas estão erradas e muitos movimentos tiveram a influência do rap e do hip-hop.

Novamente, nos anos 90 havia um discurso muito forte de que o/a jovem não participava, por não estar tão presentes nos sindicatos e nos partidos. A geração dos anos 90 recebeu de um jeito muito pesado o rótulo de alienada.

No início dos anos 2000 o movimento colocou a juventude em outra situação, pois surgiu a noção de jovem como sujeito de direitos e essa noção promoveu uma reorganização dos movimentos juvenis.

Com raras exceções não havia momentos anteriormente em que os vários segmentos se encontravam para discutir problemas comuns. Citou o Dia Nacional da Juventude, promovido pelas Pastorais da Juventude, como uma tentativa incipiente neste sentido.

O debate sobre as políticas públicas criou e está criando outros jeitos dos/as jovens participarem. Citou a experiência da 1ª Conferência Nacional de Juventude realizada em 2004, que representou uma riqueza muito grande no que diz respeito à diversidade de demandas juvenis.

Além de este movimento ter colocado os vários grupos em contato colocou também a ideia/necessidade da relação destes com o Estado. A forma como a juventude se relaciona hoje com o Estado é diferente de outras épocas. Muitos críticos avaliam a relação com o Estado como uma forma de cooptação dos movimentos sociais pelo estado.

Com estas considerações, Renato finalizou sua fala questionando como os/as participantes se viam em um encontro “bancado” pelo governo federal: *este seria um processo de cooptação pelo Estado ou seria exemplo de uma nova relação entre o Estado e os movimentos/grupos de jovens que se forjou no Brasil?*

Após a fala do Renato, Heider agradeceu ao assessor e tivemos uma apresentação de break feita por alguns participantes do encontro.



Em seguida, Jaqueline leu uma carta enviada por e-mail ao encontro pelo Comitê “Brasil está com Chávez”, que segue abaixo:

“Ato Ecumênico pela Saúde do Presidente Chávez

Prezados Companheiros,

Nós, militantes de movimentos sociais, entidades estudantis, sindicais e partidos políticos do Distrito Federal, nos reuniremos uma vez mais em torno da integração dos povos latino-americanos. Agora, em solidariedade a uma figura de extrema importância para a trajetória de emancipação de nosso povo, símbolo atual de nossos anseios, o Presidente da Venezuela, Hugo Chávez.

A delicada situação de saúde do Presidente Chávez tem trazido à tona não apenas vozes golpistas internas na Venezuela, mas uma intensa campanha internacional contra os interesses legítimos dos povos em luta. Por isso, diversos países do nosso continente sediarão atos ecumênicos em solidariedade à saúde do Presidente Chávez no próximo sábado. No Brasil, este ato acontecerá em Brasília.

Esperamos a todas e a todos para um ato ecumênico a ser realizado no próximo sábado, 02/02, às 10h, na Embaixada da Venezuela (SES Av. das Nações Unidas, Quadra 803, Lote 13). Cada um com sua crença, com sua fé, com sua dedicação à construção de uma América Latina livre, terá papel fundamental!

Saudações de luta e fé,

Comitê Brasil está com Chávez”

Por fim, foi aberto espaço para a presidente do Conjuve e Secretária Adjunta da Secretaria Nacional de Juventude, Ângela Cristina Santos Guimarães, fazer uma saudação ao encontro, destacando a importância da organização da juventude e da cobrança do poder público. Seu e-mail é angela.guimaraes@presidencia.gov.br.

TRABALHO EM GRUPOS POR MACRORREGIÕES

Após introdução feita pelo assessor Renato Almeida, cada região se reuniu para debate, levando em conta duas questões:

- 1. Quais as principais questões/problemas e desafios apresenta a realidade da juventude de sua região?*
- 2. Em que lutas e bandeiras a juventude se envolve?*
- 3. A nova relação dos movimentos sociais com o Estado nos últimos governos é exemplo de cooptação ou de incentivo à luta popular?*

REGIÃO NORTE

1. Principais desafios

- Universidade pública mais perto dos movimentos populares;
- Ausência de Políticas Públicas para Juventude;
- Desapropriação das terras;
- Falta de incentivo a cultura;
- Tráfico de drogas, pessoas, principalmente nas regiões de fronteira e aldeias indígenas;
- Educação de qualidade;
- Avanço do capital – construção de hidrelétrica;
- Falta de segurança pública;
- Criminalização da juventude;
- Deseducação alimentar;
- Desemprego;
- Militarismo nas escolas públicas;

2. Bandeiras de luta

- Combate a Violência e Extermínio de JOVENS;
- Direitos Humanos;
- Educação de qualidade;
- Combate a Redução da Maior Idade Penal;
- Organização juvenil;
- Reforma agrária;
- Economia Popular Solidária
- Meio ambiente;
- Abertura das universidades públicas;
- Democratização da comunicação;
- Implantação de conselho de cultura de paz nas escolas/comunidades;

3. Questão do Estado

(falas significativas do debate no grupo)

- O governo esta reforçando os laços de dependência.
- Nos sentimos acorrentados ou é esse caminho mesmo que temos que seguir? Ouço muitas lideranças falarem que este é o caminho.
- O governo Lula investiu recurso para formação dos movimentos sociais, precisamos mostrar pro governo nosso desafio de prestação de contas.
- Devemos nos desprendermos da hipocrisia de usar essas filosofias que se usa só nos encontros, é preciso ser autor de nossas falas e não repetir o discurso dos outros.
- A questão depende de cada um e cada uma, você pode fazer uso da maquina do Estado e fortalecer as lutas populares sim.
- Qualquer governo agora diz ser um governo popular, mas querem mesmo é cooptar as lideranças. É preciso buscar um processo emancipatório.
- Este recurso não é do governo é nosso e precisamos usar para fazer emancipação da população, precisamos nos perguntar isso esta mudando minha vida e das pessoas, temos que reformar nossa identidade quanto sujeito.
- Me preocupa quando este jovem não esta inserido no movimento, será que ele se ver importante capaz de mudar sua realidade. Um grande desafio nosso é a luta contra hidrelétricas, qual nosso papel em preparar os jovens para esse enfrentamento nos espaços políticos.
- Enquanto movimento social Hip Hop, o governo vem ajudando no processo de emancipação, possibilitou a cultura do hip hop mostrar sua cara. Mas independente de governo a ou b, devemos levantar a bandeira do nosso movimento e aproveitar estes espaços sim, sem esquecer sua história.
- Não podemos permitir que nossa base seja cooptado, isso é questão ideológica.
- Independente de cooptação ou não, esse recurso é nosso pois vem do imposto.
- Esse processo de cooptação é um discurso de direita, o PT esta no governo mas ele não é governo, os espaços políticos conquistados pelos movimentos não vieram de graça, porque o governo é bonzinho, é fruto de lutas de anos. A igreja coopta mais que o Estado. Ou nos colocamos como educadores/as que queremos mudar a realidade ou deixamos a direita tomar conta. Fomentar a formação política no trabalho de base junto a juventude.
- Será que é só o governo que é o mau e a sociedade civil é a mocinha? Precisamos ter clareza do espaço onde estamos. Sabemos que o lascado que esta lá na ponta não participa destes espaços políticos. Temos pessoas que de favorecem destes espaços. Temos que entender este recurso esta ajudando a juventude a buscar sua emancipação política?
- Lembro do Mito da Caverna, precisamos ajudar os jovens que ainda estão alienados/as achando que estes espaços não são espaços de emancipação. A politica faz parte da nossa vida, somos um ser político. Devemos levar as informações até o mais longe que podemos.

REGIÃO NORDESTE

a) *Quais as principais questões, problemas, desafios apresentam a realidade da juventude no estado:*

- Desarticulação e/ou adormecimento das organizações populares de juventudes;
- Falta de segurança pública voltada para a juventude no estado, além do descaso de alguns governos estaduais com a juventude;
- Violência contra a juventude e muitas vezes, extermínio da mesma;
- Envolvimento das juventudes com álcool/drogas;

- Pouca ou completa falta de atuação dos conselhos de juventude;
- Ausência da participação da juventude na execução e elaboração das políticas públicas e nos movimentos populares e sociais;
- Homofobia e Racismo;
- Tráfico de pessoas e prostituição, que atinge principalmente mulheres jovens;
- Migração do campo para a cidade;
- Monocultura no campo;
- Falta de oportunidades de lazer, cultura, esporte e trabalho;
- Privatizações (água, cultura, saúde, etc) e grandes projetos capitalistas;
- Sensacionalismo da mídia local;
- Mão de obra escrava juvenil;
- Educação de péssima qualidade e fechamento das escolas do campo;
- Falta de moradia para todos;

b) Bandeiras e lutas:

- Democratização da Comunicação;
- Cultura (expressões artísticas) enquanto mecanismo de participação, politização e transformação;
- Lutas do campo: sistemas agroecológicos, êxodo rural, convivência com o semiárido;
- Campanha contra o extermínio das juventudes e contra a diminuição da maioria penal;
- Maior acesso a Universidade pública (Polos da UFS no sertão);
- Articulação dos movimentos da juventude com o fortalecimento do trabalho de base;
- Construir a participação política;
- Juventude lutas pelas políticas (ida as ruas);
- Reafirmar a identidade com a classe trabalhadora na cultura, política e ideologia;
- Luta contra o agronegócio grandes projetos (irrigação, transporte de águas, barragens e integração das bacias hidrográficas);
- Luta contra as privatizações;
- Acesso a cultura como elemento de formação política e ideológica;
- Políticas públicas para a juventude;
- Igualdade de raça, gênero e orientação sexual;
- Luta estudantil e por transporte;
- Demarcação de terras indígenas e quilombolas.

c) Relação do Estado com os movimentos
(falas significativas do debate no grupo)

- Uma das coisas a serem reforçadas são as mudanças significativas que estão acontecendo no país com relação a juventude. Principalmente do resgate da percepção da juventude e de suas lutas. No entanto, a exploração do trabalho continua destruindo a vida dos jovens. Quantos jovens, por causa do sistema capitalista, perderam oportunidades e estudo. Além disso, interação dos jovens com os movimentos ainda é fraca. A realidade, quem dita é a televisão. Por isso, ainda é possível dizer que os jovens de hoje estão adormecidos para a questão revolucionária.
- Houve a transmissão de novos projetos, motivação e melhoramento do projeto popular como

uma construção coletiva. Mas ainda temos muito trabalho para agregar e construir a manhã desejada. É preciso buscar sempre mais, se expandir.

- Vejo que faltou de estímulo para os jovens se engajarem. É preciso descentralizar mais as políticas públicas.

- O problema do extermínio da juventude é, em grande parte, por conta da atuação do Estado, sendo conivente ou ele mesmo o assassino. Como falar em relação positiva desta forma?

- O Estado é um Estado burguês, não é dominado pelo povo. Embora existam algumas aberturas de brechas para o povo no governo, no Estado. Neste sentido, precisamos melhorar nossa reflexão sobre a educação popular como política pública.

- O Plano Juventude Viva é um exemplo de espaço criado pelo governo a ser aproveitado, outro é a própria RECID. Mas, que estratégias vamos implementar de fato para este aproveitamento?

REGIÃO CENTRO-OESTE

1. Principais desafios

- Educação x acesso ao mercado de trabalho x acesso ao ensino superior;
- Preconceito e discriminação cultural, social e racial - Violência(s) contra juventude – extermínio das juventudes, principalmente a juventude negra;
- Perseguição e criminalização dos movimentos sociais e culturais sobretudo de iniciativa jovem.
- Drogas lícitas ou ilícitas,
- Migração para estudos e dificuldade de trabalhar para manter-se no trabalho;
- Falta de preparação profissional submete o jovem a tornar-se mão de obra barata, empregando-se em subempregos de regimes quase escravocratas;
- Fragmentação do movimento hip hop devido ao sistema capitalista atual;
- Falta de políticas públicas de saúde para juventudes;
- Falta de espaços de lazer que sejam descentralizados;
- Dificil acesso aos serviços do Estado: escolas, hospitais, universidades etc
- O acesso aos serviços é agravado pelas distâncias e transporte;
- Violência, cenas de tiroteio e roubo;
- “Higienização” de localidades devido a copa;
- Realidade política conservadora;
- Agrotóxicos, agronegócio;
- Privatizações (Universidades federais, aeroportos etc)
- Criminalização dos/as artistas de rua;
- As lutas dos movimentos do campo (indígenas, quilombolas e MST) são freadas pela bancada ruralista que não permite que sequer a Constituição seja cumprida.
- Jovem excluído termina no suicídio, principalmente juventude indígena cerca de 80% dos casos;

2. Lutas e bandeiras

Movimentos com atuação da juventude comuns presentes na região Centro-Oeste

- Movimento hip hop;
- Movimento negro;
- Movimento quilombola;

- Coletivo LGBTT;
- MST;
- Movimento Estudantil
- Movimento indígena; (específico de um estado)

Lutas que estão engajados:

- Passe livre;
- Acesso à terra;
- Webcidadania;
- educação de qualidade;
- Acesso ao ensino superior

3. *Questão do Estado*

A Recid é uma nova forma de se fazer política. Há nela, mais avanços que de retrocessos. É um governo cheio de contradições, ao mesmo tempo que se aponta os pontos negativos, há também os positivos, como por exemplo, a Recid. De forma geral, a região não se sente cooptada, é um espaço que possibilita o diálogo, propostas de políticas da sociedade civil etc....

Outros espaços de contato governo x sociedade civil:

Conselhos juventudes: Não há em todos os estados e onde se tem é maior participação por parte do governo do que dos movimentos. Houve outras experiências em alguns locais, como no DFE, e atualmente está sendo implementado um centro da juventude. Há promessas de se criar conselhos municipais.

Iniciativas como os Pontos de Cultura: Uma política cultural mínima com pouco acesso e divulgação. Quando há necessidade de cortes por parte do governo, essa é uma iniciativa que é cortada. Não há condições financeiras de divulgação por parte dos pontos de cultura.

Há iniciativas neoliberais para mais cursos de profissionalização voltados para subemprego, mercado de trabalho. Grades tecnicistas.

Outras iniciativas partem por parte dos movimentos ligados a formação.

Pronocamp: Está sendo discutido dentro do governo, pois há pontos de não acordo por parte do MST.

REGIÃO SUDESTE

1. *Principais desafios e questões*

- Violência policial contra a juventude – genocídio causado pela PM
- Alta inserção da juventude no trabalho do corte de cana
- Falta de emprego
- Homofobia
- Dificuldade de comercialização de produtos da agricultura familiar. Com pouca perspectiva de renda, jovens migram do campo para a cidade. Contribuem para isso

- outros problemas como a falta de água e de escolas do campo
- Política partidária muitas vezes trava as possibilidades de luta
 - Trabalhos em pedreiras do ES tem matado muitos jovens
 - Uso de drogas atrai facilmente a juventude
 - Grandes obras e projetos de desenvolvimento capitalista são principais problemas que afetam as comunidades rurais e, especialmente, indígenas
 - Precarização e privatização do ensino
 - Intensificação da mineração

2. Lutas e bandeiras

- Passe livre para todos/as
- Campanha contra o uso dos agrotóxicos
- Contra o fechamento das escolas do campo
- Defesa da educação pública, gratuita e de qualidade
- Contra a violência dos órgãos da polícia e guardas municipais
- Contra remoção de comunidades, bairros e ocupações
- Muitos jovens estão envolvidos em atividades culturais. A cultura é uma grande alternativa para resgatar os/as jovens

3. Questão do Estado

Não discutiu.

REGIÃO SUL

1. Principais desafios

- Governo hegemônico de direita em SC
- Uso de drogas entre a juventudes
- Violência e preconceito por parte do poder público
- Acesso e permanência da juventude trabalhadora no ensino superior
- Superar a falta de dados concretos sobre a situação da juventude, para subsidiar a formulação de políticas públicas
- Conjuntura de crescente conservadorismos, como o punitivismo/cadeia, contra o aborto, etc
- Fortalecer os fóruns de trabalhadores e espaços de resistência da juventude
- Diferenças entre anos 60 e 80 e atualmente: lutas 60 e 80 tinham um caráter de projeto unitário, hoje temos varias manifestações desfocadas. A construção pela juventude de políticas públicas é uma conquista, mas não pode limitar por aí a dimensão do projeto comum que defendemos
- O principal desafio é o de construir um projeto político comum contra a hegemonia conservadora, através de ferramentas clássicas e novas expressões jovens. Que tenha participação massiva da sociedade e da juventude trabalhadora

2. Lutas e bandeiras

- Direito a expressão cultural

- Direitos Humanos
- Agroecologia
- Economia Solidária
- Hip-Hop
- Capoeira

3. Questão do Estado

Temos uma expressão da juventude que não pode ser comparado mecanicamente às do passado - como fez a assessoria - e sim qualitativamente, pois os desafios são outros. Vivemos hoje uma limitação entre os movimentos para a massificação e as ferramentas clássicas vivem um período não criativo. Existem experiências que não estão no bojo de grandes ferramentas que são importantes expressões, mas que não tomam o conjunto da sociedade e não dão conta do desafio central da conjuntura. Os espaços que a juventude se encontra atualmente são legítimos, entretanto, comparados as décadas de 60 e 80 são diferentes no sentido de acumulação de forças unificadas em uma identidade comum para avançar numa estratégia coletiva. Estamos sem horizonte comum. O desafio do nosso encontro é construir uma força comum através de um Projeto Popular para o Brasil. Esse debate vai gerar a síntese do encontro e os próximos passos da juventude.

Temos que ter noção de que o Projeto Popular é atual, a meta síntese continua sendo a luta por reformas de base que são históricas. No entanto, vivemos numa conjuntura de predominante e crescente conservadorismo. Apesar de termos conseguido eleger pessoas que tem origem nas lutas populares não há uma conjuntura simples de transformar. O desafio realmente é o trabalho de base e novos valores, mas não temos firme uma proposta para fazer isso e nossas ações continuam fragmentadas. O certo é que não podemos nos contentar com ações isoladas e alguns espaços de conselho, conferências, etc.

RETORNO AO PLENÁRIO, APRESENTAÇÃO DAS REGIÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS DO ASSESSOR



Como sempre, muita animação no retorno à plenária

Não podemos ver a juventude como uma ilha isolada – diz o assessor –, separada do contexto social. Mas também é preciso refletir sobre a mesma reconhecendo sua vivência da

juventude, diferenciada e específica, para que as ações surtam efeito.

Desde a década de 1990, por exemplo, é que se discute a violência contra jovens. Mas nunca chamaram a própria juventude para refletir sobre este problema, à nível de elaboração de uma política. Outro exemplo é, já no governo Lula, mesmo com o desemprego caindo muito, boa parte da juventude ainda se deparou com o problema da falta de acesso ao trabalho, o que exigiu uma política específica.

Isto é, as leis passam a levar em consideração a questão da juventude em particular. Ela se torna um sujeito de direito e também um agente político, pois participa da formulação destas políticas para si. Por isso, é tanto um erro transformar a questão do jovem na questão da sociedade de forma geral, quanto enxergá-la de uma forma fragmentada.

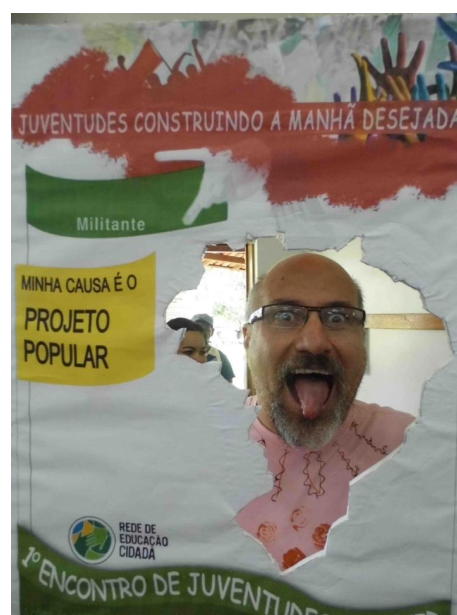
Dialogando um pouco com as apresentações das regiões, o assessor notou que é preciso ter-se cuidado com o negativismo. Ou seja, ao tratarmos da realidade da juventude, o fazemos notando o que não existe, com afirmações do tipo, “não tem acesso à cultura, a educação”, “não tem perspectiva de emprego”, “não tem proteção social”, “não tem espaço para participação política”, etc. Renato diz que acha difícil não ter nada nos locais onde trabalhamos e que, ao olharmos para estas realidades, devemos fazer o exercício de identificarmos o que tem e lutarmos para melhorar isso que tem.

Já a região sudeste, segundo o assessor, relatou com mais ênfase sobre a educação. Na linha histórica das lutas da juventude no Brasil, a educação sempre ocupou um lugar central. No entanto, as reivindicações na área foram exclusivamente direcionadas ao ensino superior. Atualmente, sabemos que um dos problemas da juventude é estudar focando no vestibular. Nos últimos 10 anos, o governo vem se esforçando para aumentar o acesso ao ensino superior. Porém, o ensino médio tem ainda um grande problema de identidade: pra que serve o ensino médio?. Apenas para chegar a universidade?

Então, para o assessor, em se tratando de política para a juventude na área de educação, o principal problema hoje é o ensino médio. Muitos jovens que entram no ensino médio não conseguem concluir, por vários fatores. Uns, precisam começar trabalhar e não conseguem mais conciliar. Mas muitos problemas são relacionados à debilidade marcante da própria instituição escolar hoje. Esta, não está preparada para receber educandos e sim “alunos” (que está ali só pra receber).

Em uma geração já quase totalmente “digitalizada”, não temos nas escolas equipamentos que possibilitem aprender informática. O jovem quer reflexão, quer falar (por exemplo da condição dele de falta de emprego) pois ele necessita se entender dentro da sociedade. Por isso quando se fala de revolução francesa dentro da escola, tem que servir para fazer o jovem entender a atualidade. A educação precisa fazer sentido pra ele.

A escola que proíbe o ingresso do jovem por estar de boné, comete uma violência contra ele. Com a desculpa de que usar boné é falta de respeito a escola tira do jovem algo que lhe dá identidade, que lhe ajuda na sua autoafirmação e lhe deixa mais confortável perante o mundo. (Neste ponto, um rapaz da plenária disse que seus professores não permitem porque dizem que o boné prende o cérebro do aluno).



O que está em jogo é a identidade e autoafirmação do jovem que a escola considera uma ameaça. Então, faz todo o esforço para “colocá-lo na linha”.

No campo da educação infantil, para fazermos um paralelo, já tivemos muitos avanços neste ponto. A criança antigamente era considerada como um mini adulto, enquanto que hoje já tratam das crianças como tal. Isso se traduz em escolas preparadas para recebê-las, que lhes permitem brincar, recriam seu mundo, etc.. Os jovens já não tem a mesma recepção, pois não encontram na escola um espaço adaptado de acordo com seus interesses, seus gostos. Outros pontos são que deixam de serem identificados pelos seus nomes e passam a ser identificados por números, a utilização de uniforme, etc.

A cultura é um dos maiores desafios do Brasil. Corremos o risco de ter um país muito desenvolvido economicamente e muito truculento culturalmente. O Brasil ainda é um país extremamente racista, homofóbico e machista. Estamos avançando pouco nos direitos, um exemplo é o extermínio de jovens negros.

Até como reflexo disso existe ainda entre a juventude negra uma negação de sua própria identidade. Isso pode se expressar de várias formas, entre elas está a busca pela proximidade com o padrão branco de beleza. De forma geral, a juventude está constantemente em conflito com sua identidade a procura de uma auto afirmação. Este é, portanto, um campo de disputa com o sistema capitalista e quando um jovem tem sua identidade negada, isso é muito prejudicial. Voltando ao exemplo, quando o negro por exemplo se assume ele começa a ter orgulho de si mesmo, portanto mais força e disposição para organização.

Por fim, surgiu o questionamento sobre como fazer para as ações de hoje serem tão ampliadas e tão fortes como as da década de 60? Para Renato, o assessor, a questão está no jeito de olhar a década de hoje e aquela década. Não se deve deixar de analisar o tempo histórico em que cada fato acontece.

Antes, um encontro como esse jamais seria permitido. Por isso nós já avançamos muito e temos que ter orgulho disso. Nossa juventude já ajudou a derrubar um presidente e isso não é pouco; muitos países invejam nossa força na luta.

Para continuar, devemos seguir unificando a juventude, criando encontros como este, espaços de recreação e muito trabalho de base. Com isso conseguiremos nos tornar uma juventude atuante e forte na luta.

RODA DE CONVERSA: MOVIMENTOS SOCIAIS E JUVENTUDE – RAÇA, ETNIA, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

Com os convidados:



Felipe – Fórum Contra o extermínio da Juventude Negra

Inicia sua fala enfocando as práticas e políticas da sociedade e governo contra o extermínio da juventude negra.

Nos últimos 20 anos, a violência contra a juventude negra foi pauta cotidiana dos movimentos populares e sociais. Mas as ações de fato são recentes.

A questão da violência contra a juventude negra associa-se primeiro ao racismo no Brasil. Toda a violência

contra a juventude é determinada considerando a que classe ou raça o jovem pertence.

Hoje temos a conquista da política de cotas que representa a força que o/a sujeito negro traz consigo. E conseguiram colocar no centro do debate as desigualdades sociais.

Fernanda - Secretaria Nacional da Juventude

Continuando as reflexões, Fernanda fala do “Plano Juventude Viva”, das conferências, dos desafios vividos na Secretaria. Com este Plano, não se pretende reproduzir o que é feito pela segurança pública. Vale ressaltar que o Plano é uma conquista da própria juventude que lutou, fizeram manifestações através da Pastoral da Juventude, de ONG's e de outras instituições.

O Plano Juventude Viva já está em execução no estado de Alagoas, mas com muitos desafios institucionais e políticos. Para 2013, pretende-se expandir o Plano para os estados do Distrito Federal, Porto Alegre, Espírito Santo, Paraíba e Bahia. O Plano está voltado para 130 municípios do país, selecionados entre aqueles onde se concentra o maior número de violência contra os jovens. Mas qualquer município pode livremente aderir ao plano. Há uma série de ações previstas neste, dentre muitas o apoio aos órgãos que já fazem trabalho com juventude.

São ao todo quatro eixos construídos de forma participativa com vários movimentos com a representatividade da juventude do Brasil.

Por fim, devemos reconhecer que há uma dívida muito grande do estado brasileiro para com a juventude.

Raul - Movimento LGBT

Inicia dizendo que a luta contra homofobia é uma luta estrutural. A sociedade hoje é heteronormativa, pois desde que nascemos aprendemos categoricamente que só é possível ser homem ou mulher. Então, é uma luta de desconstrução dessas imposições.

Até o ano 2000 a luta dos LGBT's, era uma reivindicação de visibilidade. As marchas cumpriram bem esse papel. Passado esse período, durante o governo Lula, surge a primeira conferência do movimento de LGBT. Mas surgiu também uma grande organização dos setores mais conservadores. Travou-se um luta política. Depois passamos a ver no governo Dilma poucas ações em nosso favor.

O CRP (Conselho Regional de Psicologia) proíbe a tentativa de cura pela orientação sexual. Defendemos o estado laico, os debates garantindo a cidadania, as importantes discussões nas escolas, a execução do plano implementado no governo Lula.

São principalmente os grupos universitários que têm ampliado as discussões acerca do movimento LGBT.

Tica - Marcha Mundial de Mulheres

Inicia sua fala enfocando o feminismo e que a luta dos movimentos de mulheres é constante e diária. É certo que tivemos avanços em termos de política para mulheres, mas não podemos nos contentar com eles. Podemos ter elegido uma mulher presidenta, mas mulheres seguem em marcha até que todas sejam livres.

O machismo é bem concreto em nosso cotidiano.

A Marcha Mundial das Mulheres, luta para transformar as relações sociais, a relação do homem com a mulher.

Rosimar- Quilombola de Santa Helena

Rosimar, da comunidade quilombola de Santa Helena, faz um breve relato da situação das comunidades em relação às titulações de terra.

Cita como problema que atinge a juventude quilombola, a migração dos mesmos para trabalhar nas cidades.

3º Dia – 02 de fevereiro (Coordenação: Rúbia e José) **(Relatoria: Branco, Kelren e Sérgio)**

A mística de início do dia suscitou um momento de reflexão de como está a situação da sociedade, colocando suas dificuldades: soberania popular, soberania alimentar, moradia, agroecologia, lazer, cultura, educação, saúde, trabalho e identidade. Assim, nossa dor como jovens é exposta para os demais, como um grito “JUVENTUDE É REVOLUÇÃO”. Envolvendo todos e todas.

Canção dos novos valores

*Construir uma nova sociedade, em cima da atual.
Amanheceu um novo mundo, liberto dos valores do capital.
Construindo uma nova identidade, pro livre mundo que há de vir.
Juventude do campo e da cidade, transformando por aqui.
Juventude que ousa lutar, constrói o poder popular.
Feminismo vencendo o machismo, rumo ao socialismo vamos avançar!
Combatendo toda opressão, nossa revolução em fim vai triunfar.*

*(Levante popular da juventude
de Santa Maria-RS)*

Selvino distribui seu o texto: *Juventude, Cuidado e Futuro*, em homenagem aos jovens estudantes de Santa Maria e as dificuldades enfrentadas na CAJU (GO).

O PROJETO POPULAR PARA O BRASIL – ASSESSORIA DE RONALDO SOUZA (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE)

O mediador Ronaldo chegou muito animado contagiando a juventude. Ressalta que foi convidado para falar sobre o Projeto Popular, coisa que já está calejado de fazer então se sente mais tranquilo.

No entanto, para falar de Projeto Popular, deve abordar rapidamente outros pontos. Assim, apresenta que sua fala vai ser:

- Análise de Conjuntura, com recorte na disputa Burguesia X Classe Trabalhadora.
- Linha histórica da atuação dos movimentos populares no Brasil.
- Projeto Popular e ações concretas de construção

Para começar, destaca que a conjuntura é a correlação das forças na sociedade, existem varias maneiras de ver a conjuntura dependendo de que lado você está.

Para resumir, afirma que a América Latina vive uma conjuntura onde três grandes projetos políticos estão em disputa: o neoliberal, o sócio-desenvolvimentista e o anti-imperialista.

O primeiro projeto (neoliberal), que é defendido pelo capital estadunidense, de caráter imperialista, pretende seguir subordinando nosso continente a seus interesses de acumulação

de riquezas, através do controle dos recursos naturais, mercados e governos. Estão neste projeto países como a Colômbia e o México.

O segundo projeto (sócio-desenvolvimentista), aglutina as burguesias locais que possuem contradições pontuais com o capital estrangeiro e que gostariam de ter uma margem maior no botim da mais-valia da riqueza continental. É um projeto de integração econômica capitalista, buscando alguma autonomia do Imperialismo. Estão neste projeto países como Brasil e Uruguai.

O terceiro projeto, de natureza anti-imperialista e anti-neoliberal, se traduz na expressão da Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (Alba), e aglutina por hora, alguns governos mais progressistas (Venezuela, Equador, Bolívia), mas também forças populares e de esquerda em todo continente.

Claro que o projeto que os EUA defendem para a América Latina é um projeto de subordinação e dependência. Até pelo nível de consumo que a população dos EUA criou, eles precisam continuar explorando outros países. Tem uma pesquisa que mostra que se todos no mundo consumissem igual a um norte americano médio, iríamos precisar de seis planetas terra para sustentar tudo isso.

Já o projeto que a Venezuela defende não é o mesmo que o governo Lula implementou no Brasil. Não podemos confundir, pois em poucos ou nenhum momento o governo Lula de fato enfrentou os poderosos no Brasil para realizar reformas (políticas, econômicas e sociais) de interesse do povo brasileiro.

É necessário entender o nosso papel e o papel do governo.

O ultimo ascenso da luta de classes no Brasil foi nos anos 80. Em um momento onde isso ocorre, ou nós vencemos ou nos arrebatamos. Nos anos 80, muitos movimentos se organizaram e ficaram de saldo positivo, como: CUT, Pastorais, MST, PT e movimento estudantil. Se criaram as lideranças populares, mas muitas são mortas ou presas se a luta não vai para frente.

O capital desmontou a capacidade do ser humano se organizar. No momento de descenso a esquerda vive uma grande confusão, onde as pessoas são cooptadas. Existe uma grande fragmentação sem unidade, ou seja, o descenso é o momento que estamos vivendo agora, a juventude está sem referencia.

Isso não significa que as lutas não aconteçam, mas são fragmentadas, não existe um projeto político, não se consegue visualizar este projeto e não se tem perspectiva de melhora grande. Não é falta de luta que caracteriza o descenso, mas a dificuldade de estas lutas se juntarem e se espalharem.

No auge da luta, se ficamos somente nos nossos dedos não iríamos avançar. Quando a classe se movimentar, a juventude vai ter que ir para o embate e qualificar o trabalho de base. Mas, em um momento de descenso, o objetivo principal é unificar as lutas para alcançar o projeto comum. A questão central passa a ser como vamos unificar.

Para se tornar em um projeto temos que avançar pra frente, sempre dando pequenos passos à frente. Precisamos acumular forças, formar lideranças, formar grupos de base, botar o povo nas ruas para pequenas lutas. Precisamos fomentar grupos de jovens em todas as categorias profissionais, todos os setores da classe trabalhadora. Em suma: muito trabalho de base com a sociedade e apoiar todas as medidas que venham a impulsionar o avanço da força do povo na correlação de forças.

O assessor ainda cita como exemplo o partido dos trabalhadores/as, que realmente investiu no trabalho de base para chegar ate onde está hoje. Os pequenos grupos se tornam grandes grupos, por isso é a tarefa da juventude é cavar, correr atrás de seus ideais. Ser revolucionário é fazer o trabalho de base.

Para fazermos análise da correlação de forças, precisamos considerar que as forças atuantes em torno de um projeto geralmente se dividem em:

- Força motriz: é o motor do carro (grupos de jovens para acumular forças). Não para ficar somente em seus guetos, por isso é importantes pequenos grupos em muitos lugares. Esta é a força que impulsiona o processo.
- Força dirigente: é a força que indica o caminho, que organiza o projeto.
- Força principal: é força mais forte (sic), digamos assim. Aquela que custa a se movimentar, mas derruba todos os muros quando o faz. É a grande massa do povo brasileiro.

Quando classe se movimentar a juventude precisa estar unificada. Os desafios são muitos e precisamos avançar: criar organizações política de massa e de quadros, ter um projeto unificado com direção unificada.

O projeto popular é o projeto que atende a demanda da população, por isso é primordial na acumulação de forças. É um conjunto de medidas, por isso é necessário fazer grandes debates junto aos movimentos (conselhos de juventudes, movimentos estudantis, espaços políticos) para que o tão sonhado projeto popular venha de fato acontecer.



Ou então, como diz o assessor, é melhor todo o povo brasileiro saber a tabuada de cor do que apenas meia dúzia de pessoas saberem grandes fórmulas matemáticas complexas.

A burguesia vive no Brasil, mas não é brasileira. A nossa burguesia não tem projeto de país, não fizeram reforma agrária e outras reformas de base que melhoram a vida do povo. Tudo isso precisa entrar no projeto. Existem vários programas para isso é necessário incorporar as demandas da massa.

Após a fala do Ronaldo o coordenador do dia José abriu algumas inscrições para debate na plenária.

Falas:

- Precisamos entender que somos protagonistas de nossa história. É preciso ganhar os espaços de organização criados, reivindicando-nos como parte dos mesmos. O direito humano é integrado, não podemos ter uma visão parcial sobre ele. Muitas vezes, estamos em um enfrentamento de grupo e esquecemos as coisas essenciais, ou seja, é o momento para quando os educadores e educadoras forem pedir escola eles realmente se sintam como escola.
- Concordo com o assessor Ronaldo quando diz que devemos aproveitar o bolsa família para organizar o povo em vez de falar mal. Mas, existe uma contradição, por que quando uma família ganha uma terra, por exemplo, tem vários auxílios para se manter. E, ao aceitarem a bolsa família eles estão nos barrando.
- Sempre tentamos fazer o trabalho para que o fortalecimento do projeto popular aconteça. É necessário revolucionar as estruturas, mas devemos começar de baixo, a partir da comunidade, com projetos locais, economia solidária, etc.
- O mediador tem razão quando diz que precisamos unificar as lutas mas vemos individualismo nos grupos de base. O governo não é só do PT, tem uma coalizão de

partido. Nós devemos estar nos planejando estaduais da Recid para levar essas falas e lá pautar a formação de base. Acredito que muitas vezes brincamos de fazer trabalho de base.

- É preciso viabilizar todas as demandas do povo. Mas, a burguesia brasileira não tem um projeto, a perspectiva de superação do capitalismo só cabe aos trabalhadores.
- Questionamento de saber de onde vêm este conceito de sociodesenvolvimentista. Os grandes projetos de desenvolvimento foram realizados no Brasil pelo Estado, mas este continua neoliberal. O projeto neoliberal acabou com tudo e estamos em 20 anos de descenso.
- Houve um relato de luta ocorrido na cidade de Santa Tereza/DF. Foram ameaçadas de despejo várias famílias, devido a vulnerabilidade social. Muitas já saíram mas ainda estão na luta em defesa da moradia. Devemos pensar em qual processo estamos na onda hoje.
- É bom que temos neste grupo jovens de mente aberta e que querem mudança.
- Ressalta a importância das políticas públicas, a bolsa família é necessária até porque um jovem com fome não vai fazer a revolução.

Após as intervenções, houve proposição de que o grupo continuasse debatendo em plenária com o assessor. A proposta foi feita porque as pessoas proponentes não sentiam que estavam tendo tempo suficiente para debaterem os assuntos com os assessores. Ou, em outras palavras, que não houve muito espaço de debate em plenária em todo o encontro e algumas pessoas sentiram que o debate estava prejudicado.

No entanto, a maioria da planária entendeu que era o momento de caminhar novamente para os trabalhos em grupos, pois são nestes espaços que o debate ocorre efetivamente, com maior participação das pessoas. Assim, a divisão em grupos para o debate se deu a partir das turmas (infra, mística, animação, etc).

As turmas se reuniram para debaterem a questão: “Que compromissos/ações da juventude podemos firmar para contribuir com a construção do Projeto Popular para o Brasil? Fimar dois compromissos para cada eixo do tripé formação, organização e lutas”.

A socialização dos debates nas turmas foi feita em plenária, com cada grupo apresentando em papel *craft* pelo menos dois compromissos firmados no campo da formação, dois na organização e dois no campo das lutas. A síntese destes deu origem a carta de compromisso do encontro, que encontra-se no início deste documento.

Em seguida, o assessor Ronaldo fez suas considerações finais.

O último acenso da luta de classes no Brasil terminou em 1995, costumamos dizer que o último sinal deste acenso foi a greve dos petroleiros, a última greve – até o momento – nacional e com paralisações de outras categorias em solidariedade.

Agora, existe sinal que a classe trabalhadora está começando a se erguer. E neste momento precisamos investir forte no tripé formação, organização e luta.



Algumas tarefas centrais para este momento, de acordo com o assessor, são:

- Comunicação: construir meios de comunicação e métodos.
- Trabalho de base: está próximo das pessoas, entender como elas vivem.
- Organizar pequenos grupos, pois ninguém faz nada sozinho e ter grupos de base é essencial.
- Realizar encontros regionais e ter metas claras para avançar.
- Toda e qualquer luta é de fundamental importância;

A construção do projeto popular faz parte da construção da liberdade recuperando a humanidade roubada do povo.

Enfim, para finalizar sua participação no encontro, o assessor Ronaldo conduziu um momento místico conclamando a toda a juventude presente para não desistirem nunca da luta.



OFICINAS DE TRADUÇÃO DE LINGUAGEM

Neste momento do encontro, foram realizadas diversas oficinas práticas e teóricas, sobre métodos e metodologias de tradução da linguagem para a juventude.

As oficinas foram:

- Midialivrismo, participatório juvenil e webcidadania – com Ricardo Poppi, Dríade Aguiar e Luis Felipe
- Teatro do oprimido – com Geo Britto, do Centro do Teatro do Oprimido
- Elementos do Hip-Hop – com Marcão Aborígene e Alex
- Cultura Popular (instrumentos, repentes e cordel) – com Martinha do Coco

O método de divisão do grupo para as oficinas foi a livre escolha. Antes de cada grupo se deslocar para realizar suas oficinas, o coordenador do dia José fez uma breve fala destacando os principais elementos da agitação e propaganda, termo cunhado durante a revolução russa e que engloba os métodos de divulgação das bandeiras e lutas.

No primeiro momento da noite, antes da noite cultural, osicineiros e oficinantes (sic) tiveram oportunidade de apresentarem o resultado de seus trabalhos.

A oficina de Cultura Popular apresentou música e danças populares, com instrumentos produzidos com materiais diversos e fáceis de fazer, envolvendo todo o grupo da juventude da Recid em uma bonita roda de cantoria e dança.

A oficina de Hip-Hop discutiu os quatro elementos fundamentais da cultura Hip-Hop,

apresentando rimas feitas durante a oficina, camisetas pintadas com spray e *break* (dança).

A oficina de teatro do oprimido apresentou duas peças curtas elaboradas durante a mesma. A primeira, mostrava uma situação de discriminação homofóbica e a segunda de discriminação racial. Após as apresentações, Geo perguntou como aquelas situações poderiam ser superadas e pediu as pessoas que, ao invés de explicarem suas ideias, encenassem elas durante a peça. As situações iam se repetindo com cada nova proposta de solução, mas cada encenação tinha resultados diferentes e depois o público podia discutir o que achou das propostas.

A oficinas de midialivrismo e webcidadania discutiram o planejamento, produção e distribuição de conteúdo de forma colaborativa e intensiva. A Cobertura Colaborativa é uma prática onde se juntam interessados em geral para contribuir num processo coletivo de produção de conteúdo, estimulando a conexão de agentes da cidade que trabalham com comunicação. Trabalharam ferramentas de desenvolvimento digital dentro do conceito de *software livre* e *creative commons*.

NOITE CULTURAL

E foi assim que, num clima de muita alegria, as turmas do primeiro encontro chegaram à noite cultural. Foi um momento de socialização, descontraído, com muita música, festa e brincadeiras.



Batalha de MC's ocorrida durante a noite cultural: qual turma venceu nas rimas?



Quadrilha fora de época no I Encontro Nacional de Juventudes da RECID

3º DIA – 03 de Fevereiro (Coordenação: Simone e Willian) **(Relatoria: Dennis, Losângela e Joilson)**

No último dia de encontro, já ao primeiro raiar do sol (bem... talvez nem tanto), ocorreu a grande final do campeonato de futebol entre turmas. Ao final da grande partida, sob aplausos e vaias, a equipe da infraestrutura sagrou-se campeã do torneio.

No retorno à plenária, demos início aos trabalhos do dia. Já no primeiro momento, Simone e Marcones fizeram a leitura para o conjunto das pessoas da Carta síntese final do encontro (aquela, que se encontra no começo desta memória). Após a leitura, as pessoas da plenária puderam livremente fazer sugestões de alteração, adição ou supressão. Muitas contribuições foram feitas para torná-la o mais abrangente e representativa possível.

AVALIAÇÃO FINAL

No último momento de trabalho antes da mística de encerramento, a plenária se dividiu livremente em grupos de acordo com a proximidade para fazerem a avaliação geral do encontro. Cada grupo teve tempo de fazer seus debates e apresentarem à plenária no final, estruturando a avaliação nos pontos:

- O Encontro Nacional de Juventudes cumpriu seus objetivos? Sim ou não? O que destacar?

Os objetivos foram alcançados parcialmente. Pontos positivos foram:

- A animação e disposição da juventude com certeza contribuíram para o encontro.
- Diversidade de realidades e vivências presentes.

Pontos negativos:

- Ficou a desejar na parte da análise de conjuntura latino – americana e internacional.
- Ausência da metodologia voltada para a linguagem jovem.
- Os estados deveriam ter trocados experiências sobre os problemas da juventude antes de

virem, ter articulado mais os jovens que vieram. Isso contribuiria para atingirmos os objetivos do encontro.

→ Muita dispersão nos momentos de plenária, pessoas entrando e saindo, acesso à internet, etc, contribuíram para criar um ambiente cansativo.

→ Pouco tempo para debates em grupos e, principalmente, nas regiões, fez com que a maior parte do conhecimento agregado durante o encontro viesse dos assessores. A fala destes foi muito privilegiada, enquanto o tempo de debates coletivos diminuído. Neste sentido, a programação foi totalmente desbalanceada.

→ Muitas pessoas novas, sem participação na Recid, dificultou os encaminhamentos finais. Por exemplo, o encontro poderia ter servido para termos encaminhamento de ações unitárias.

- O que este encontro fortaleceu?

→ Fortaleceu a necessidade da unificação das lutas de juventude.

→ O dialogo entre as organizações de juventude presentes, intercambio cultural entre as juventudes valorizando a diversidade.

→ O trabalho de base.

→ O entendimento da mística.

→ Compreensão maior do significado de nossas ações, nos sentimos dentro da construção do projeto popular.

- Avalie:

a) Metodologia

Pontos positivos:

→ Foi positiva ao separar os temas de formação nos três dias: conjuntura, realidade da juventude e projeto.

→ Campeonato foi uma boa maneira de integração.

→ De forma geral, as atividades esportivas, dinâmicas e brincadeiras (como o quadro “de quem pra quem”) contribuíram para animação e socialização do grupo.

→ As oficinas foram muito positivas.

→ Divisão em turmas.

Pontos Negativos:

→ Faltou espaço para socializar a discussão regional.

→ Pouco espaço para que os próprios jovens falassem.

→ Faltaram espaços livres para os grupos se conhecerem (juv. Negra, feministas, etc), promoverem a troca experiências.

→ Pouco tempo para debates em grupo e para o conteúdo que pretendia ser tratado.

→ Faltou um espaço de visita à Brasília, que era expectativa de boa parte dos participantes.

→ Poderíamos ter participado do ato pela saúde do Chávez.

b) Coordenação

Pontos positivos:

→ Sendo este o 1º encontro de juventudes; houve uma interação entre a juventude e a

coordenação.

Pontos negativos:

- Não deveria ter brincado com o desenho do “cálice”, principalmente considerando que o que queremos é estimular a juventude a falar.
- Coordenadores tiveram dificuldades de ter encaminhamento de horário e garantir o cumprimento dos acordos coletivos. Por outro lado, faltou mais objetividade e compromisso dos participantes com o encontro, principalmente na questão de termos menos brincadeiras e maior cumprimento dos horários.
- Própria coordenação/GT de Juventude desrespeitou os acordos de convivência.
- No primeiro dia, deu muito espaço para o governo falar e sobrou pouco para os movimentos.

c) Assessorias

Pontos positivos:

- A 1ª assessoria não conseguiu alcançar seu objetivo também por conta do tempo, mas deu sua contribuição e foi positiva, as demais expuseram bem e conseguiram dialogar com a juventude na mesma língua.
- Assessoria do Ronaldo foi a mais bem avaliada.

Pontos negativos:

- Demonstraram riqueza de conhecimento, mas não repassada da maneira que deveria. Os dois primeiros assessores usaram uma metodologia muito tradicional, do tipo palestra.
- Faltou o cochicho na análise de conjuntura do primeiro dia, que foi muito difícil de entender o conteúdo.
- Faltou uma assessoria feminina.
- Procurar não trazer só assessorias de fora, buscar valorizar nossos educadores/as. É muito ruim virem pessoas que só falam e depois vão embora (não participam do encontro).

ENCERRAMENTO

Ao final da avaliação coletiva, a equipe de mística conclamou a todos/as participantes a formarem uma grande roda, onde o educador Paulinho e alguns outros puderam partilhar reflexões sobre a importância da continuidade desta mística criada no encontro. O educador Djalma pode ler o seguinte poema de sua autoria:

(D)eus

*Trago mil Áfricas em mim
promessas, vivências e sonhos
sambas, jongs e cocos
valsas, marchas e choros;
estou espaços e passos*

*trago o cheiro de todos os povos
mundos e mundos sem fim*

*ESTOU UM SENDO TODOS
ESTOU EU SENDO (D)EUS*

*Trago mil corpos em mim
sou moça, menina, senhora
tudo agora
estou quilombola
Caiapó e Xikrim
estou a memória dos mortos
que dormem sob o capim*

*ESTOU UM SENDO TODOS
ESTOU EU SENDO (D)EUS*

*Estou centena de vozes
que são feito um fio
feito mágica viva
somos um sendo mil
cantar nos transforma
nos faz bala e fuzil –
estamos o que buscamos de nós*

*Somos nossas bandeiras
há que saber-se oprimido
para conosco lutar
saber-se negro
saber-se mulher
saber-se tantos
quanto são as lutas
a nos habitar*

ESTOU UM SENDO TODOS

ESTOU EU SENDO (D)EUS

Ousar lutar!

Ousar Vencer!

Terminada a mística e oficialmente o I Encontro Nacional de Juventudes da RECID, foi o momento de nos congratularmos, jovens recém conhecidos ou antigos conhecidos, amizades novas ou reforçadas, com muitos beijos e abraços, além das trocas de contatos no facebook, é claro. Em seguida: almoço. E, logo depois, já era hora de correrem para arrumar nossas malas e ir embora, porque Geraldo é um bom sujeito, mas muito pontual... e aí de quem o fizer atrasar a saída do ônibus.

FIM